

## ONDE BUSCAR CONSOLAÇÃO <sup>1</sup>

Swami Paratparananda

Abril de 1978

É um fato bem conhecido que este mundo é um mistura de bem e mal, de prazer e dor, de concordância e discordância, de carinho e medo, de união e separação, de criação e destruição. Onde está um desses pares de opostos, está também o outro. Não se pode separar um do outro nem se pode achar em uma pessoa comum um só deles isoladamente. Até o ladrão ou assaltante que rouba e mata sem piedade tem em seu coração carinho por sua família ou por uma pessoa em particular, roubando ou matando talvez para mantê-los. Vemos em todos, não somente entre os seres humanos, estes dois sentimentos. Até os pássaros que se comportam como inimigos dos vermes, o fazem com o propósito de alimentar aos seus filhotes. Em outras palavras, podemos dizer que é evidente que o mundo inteiro é um conjunto desses pares de opostos. O que está sob a influência de um, também está sob o domínio do outro. E nenhum dos dois nos permite sair de suas garras e liberar-nos. Todo esforço humano é precisamente ir além destes pares de opostos e alcançar a bem-aventurança plena e eterna. O ser humano tenta lograr este estado de várias maneiras: alguns adquirindo riquezas, outros tendo filhos, estes mediante logros intelectuais, aqueles adquirindo poderes, quer sejam terrenos ou ocultos, no entanto nenhum deles chega a alcançá-lo. Em vez da paz e consolação que buscam através destes meios, se encontram em meio de um labirinto de inquietude, provocada pela sede de possuir mais e mais dessas coisas ou na conservação do já adquirido.

O mundo que criamos desta maneira absorve a mente em sua totalidade e quanto mais nos apegamos aos objetos, tanto mais nos identificamos com eles. O resultado é que a angústia que se sente ao afastar-se deles se faz mais aguda. O homem sabe tudo isto, no entanto não pode desfazer-se do apego pelos objetos e o triste do caso é que a maioria da humanidade nem o tenta. Sri Ramakrishna costumava dizer: "O camelo come arbustos espinhosos e enquanto o faz sua boca sangra abundantemente, não obstante, não cessará de comê-los". É assim também a vida do ser humano. Sabe que tem que passar por incontáveis sofrimentos neste mundo uma vez que se enreda nele, no entanto não pode evitar envolver-se. O que é que o compele a fazê-lo? Arjuna, o grande herói do Mahabharata, faz uma pergunta idêntica a Sri Krishna: "Então o que, por assim dizer, obriga ao homem a levar uma vida cheia de erro, ainda que não queira?" Sri Krishna lhe responde: "É este desejo, é esta ira, produto de rajas, que o obriga. É voraz e malvado. Conhece-o, com certeza, como teu pior inimigo aqui". Vemos aqui que se usou o verbo no singular, ainda que

---

<sup>1</sup> Traduzido do original em espanhol "Donde Buscar Solaz".

aparentemente existam dois sujeitos, 'desejo e ira'. Shankaracharia comentando este verso diz que a ira é outro aspecto do desejo; quando se impede o cumprimento do desejo este se converte em ira, portanto no texto o verbo está no singular. Em realidade, a base de toda atadura deste mundo é o desejo. E enquanto se tenha ainda que seja um vestígio de desejo, não pode ir além dos pares de opostos.

Por que acontece isto? Por que não é possível desfazer-se do desejo? Não é que todos não possam fazê-lo. Pelo contrário, sabe-se que alguns se liberaram rompendo a corrente do desejo. Mas muito poucas são as pessoas que pertencem a esta classe. A maioria da humanidade vem à terra devido ao impulso desse desejo, que eles haviam abrigado durante vidas anteriores. Geralmente buscamos felicidade e consolação no externo, fora de nós, por estarmos sujeitos às nossas paixões e desejos.

Os sankhias, psicólogos hindus de épocas anteriores, dizem que a criação ou o universo é o produto do desequilíbrio dos três elementos constituintes da Prakriti ou Natureza. Eles os chamam gunas. Estes três gunas existem em toda a criação, tanto no ser humano como em qualquer outra coisa vivente; mas são perceptíveis, pelas qualidades que eles engendram, de uma maneira mais clara no homem. Cada um destes gunas tem suas peculiaridades; cada um produz no ser vivo certas inclinações. O Bhagavad Gita em seu décimo-quarto capítulo descreve detalhadamente a influência de cada um deles: "Sattva, rajas e tamas são os três gunas que se originam da Prakriti. Atam ao ser imutável que mora no corpo. Sattva, sendo sem mácula, é brilhante e tranqüilo, no entanto ata ao ser por seu apego à felicidade e ao conhecimento". A felicidade e o conhecimento à que se refere aqui não são os mais elevados, mas os relativos a este mundo objetivo, por exemplo, a felicidade que se sente contemplando um panorama natural de paisagens ouvindo musica, etc, e o conhecimento do múltiplo. Esta felicidade e esse conhecimento não levam alguém a Deus, ainda que estejam em um nível mais alto que os das pessoas comuns. O apego a esta classe de felicidade e conhecimento, a pesar de ser mais fino, prende o homem ao mundo.

O Bhagavad Gita continua: "Sabe que rajas é da natureza da paixão, a fonte da sede e do apego, prende fortemente ao ser encarnado pelo apego à ação." Aqui 'sede' se refere ao desejo por coisas não adquiridas. Sabemos que não há saciedade para esta sede. Pensamos que logrando tal ou qual objeto estaríamos satisfeitos. Com este motivo trabalhamos duramente, mas tão logo o logramos a mente sugere outro objeto mais brilhante, mais atrativo como meta. Por acaso obtendo-o o homem fica satisfeito? Não. Sua busca segue sem parar. É assim como rajas impele ao ser humano a meter-se em um turbilhão de atividade.

"Tamas, - diz Sri Krishna, - é produto da ignorância, que ilude todos os seres e submetendo-os ao erro, preguiça e sono os prendem fortemente". O que está sob a influência deste guna, vê tudo ao contrário: toma o transitório pelo eterno, o mal pelo bem e assim por diante.

Sri Ramakrishna compara a esses gunas com ladrões, por que todos eles privam ao homem de sua faculdade de discernir e lhe ocultam a Verdade. Para

explicar isto, o Mestre relata uma estória: “Certa vez um homem passava por um bosque quando três ladrões lhe assaltaram e lhe roubaram tudo o que tinha. Um deles dizendo: ‘De que serve deixá-lo com vida?’ estava por matá-lo com sua espada quando o segundo ladrão lhe deteve dizendo: ‘Oh não! De que serve matá-lo? Ata-lhe os pés e as mãos e deixe-o aqui.’ Em seguida os ladrões fizeram isto e se foram. Depois de um tempo, o terceiro ladrão voltou e disse ao homem: ‘Ah, sinto muito. Você está ferido? Vou te soltar as cordas.’ Depois de libertá-lo o ladrão lhe disse: ‘Venha comigo. Vou levá-lo até a estrada.’ Depois de um longo tempo chegaram ao cominho principal. Então o ladrão disse ao homem: ‘Siga por este caminho. Lá está sua casa.’ A isto o homem respondeu: ‘Senhor, Tu foste muito bom comigo. Venha à minha casa’. ‘Oh não! – disse o ladrão. Não posso ir lá, a policia saberá.’”

Sri Ramakrishna explicou: “Este mundo mesmo é o bosque. Os três ladrões que andam aqui são sattva, rajas e tamas. São eles os que roubam ao homem o Conhecimento da Verdade. Tamas quer destruí-lo. Rajas o ata ao mundo. Mas o sattva lhe salva das garras de rajas e tamas. Sob a proteção de sattva o homem se salva da ira, luxúria e outros maus efeitos de tamas. Além disso sattva solta as amarras do mundo. Mas sattva também é um ladrão. Não pode dar ao homem o Conhecimento final da Verdade, ainda que lhe mostre o caminho que conduz à Suprema morada de Deus. Ao mostrar-lhe o caminho, sattva diz: ‘Olhe lá, sua casa está daquele lado.’ Mesmo sattva está muito longe do Conhecimento de Brahman.”

Já dissemos que estes três gunas existem em todo ser vivo; em alguns predomina um dos gunas e em outros outro deles, e segundo qual deles predomina em um ser humano, este manifesta tranqüilidade, atividade ou preguiça. Rajas inquieta ao homem, o faz correr atrás de todo tipo de atividades e prazeres. Impulsionado pelos desejos, o ser humano comete erros e como consequência colhe seus frutos amargos. Então se sente miserável. Tamas, devido à letargia que engendra no homem e pelas idéias equivocadas que planta nele, é muito mais perigoso. Estando preso na rede da ignorância, sob o domínio de tamas, o pobre ser humano crê que é um sábio. Este tipo de crença não o libera do sofrimento que vem como resultado de suas ações errôneas. É então quando trata de jogar a culpa de seu sofrimento em alguém, ignorando que está colhendo o fruto de suas próprias ações. Só então o homem busca consolação. A questão é saber onde deve buscá-lo.

Um agnóstico ou cético que não crê em um Ser Supremo ou Deus, depende da matéria, das comodidades materiais para reconfortar-se. Mas por acaso o logra? Não. Então tenta esquecer seu sofrimento talvez com bebidas alcoólicas ou drogas. Mas o efeito de todas estas coisas é momentâneo. Quando o efeito passa, o sofrimento o ataca, como se com vigor redobrado. Além disso, a mente que este pobre homem quer adormecer ingerindo estes tóxicos, é tão ingrata que não somente não lhe deixa esquecer os danos causados pelos demais ou os erros cometidos por ele mesmo, senão que lhe lembra tão constantemente que não o deixa em paz. Talvez se possa escapar da observação das pessoas, mas de nenhum modo de sua própria mente. Esta o acompanha

por todas as partes e em todos os momentos como uma sombra. Sua censura é mais aguda, quando não se vê uma saída para seu sofrimento.

Vejam, talvez exista o sofrimento no mundo como um corretivo para a humanidade que erra. Se pode perguntar: “Bem, por acaso não sofrem aqueles que crêem em Deus ou levam uma vida espiritual? Vemos que eles sofrem mais do que os que não crêem em nada.” Certamente eles também sofrem. O mundo, como dissemos ao início desta conversa, é uma mistura de prazer e dor. Nenhum deles é permanente. Felicidade e sofrimento se alternam na vida do homem. O corpo é de matéria e tudo que é material é mutável e mutante. Portanto todos os seres encarnados estão sujeitos a estas mudanças da matéria. Além disso, como Swami Vivekananda disse: “A vida está e deve estar acompanhada pelo mal. Um pouquinho de mal é a fonte da vida.” Que quer dizer ele com esta última frase? Um ser perfeito não necessita encarnar-se, salvo nos poucos casos dos que vêm à terra para ensinar a humanidade. Um ser nasce porque é imperfeito, tem desejos e até que não consiga a perfeição terá que vir a este mundo uma e outra vez. Isto é o que afirmam os Upanishads quando declaram: “Pelas ações meritórias se alcançam os mundos superiores e pelas más ações se alcançam os mundos inferiores e com um equilíbrio entre estes dois tipos de ações se volta ao mundo do ser humano.” Ou seja, nasce como homem.

Aquele que crê em Deus e segue o caminho da retidão e do espírito sabe, ou melhor dito, deve saber que sua crença em Deus, sua intenção e seus esforços para seguir este caminho não o liberam de seus sofrimentos físicos nem das preocupações. O verdadeiro amante de Deus não busca milagres, nem reza pela cura de suas enfermidades ou por seu bem-estar. Ama a Deus por amor a Ele. Tenta desenvolver o gosto por levar esta vida, sem ostentação. Não espera nem sequer o reconhecimento das pessoas. Sabe que o amor por Deus que ele busca é em si mesmo a recompensa de suas duras práticas e austeridades. Luta com suas paixões e sentidos, os quais querem arrastá-lo para o caminho da escuridão. E ao final chega a ter uma paz que mesmo a duras penas só alguns poucos alcançam. Sente a proximidade do Senhor e não se sente abandonado em nenhum momento ainda que o mundo inteiro esteja contra ele. Sri Krishna disse sobre isto: “A Suprema Bem-Aventura com certeza vem a este yogui, cuja mente se tranqüilizou, cuja paixão se aquietou e que se tornou Brahman, havendo-O realizado e que não tem mancha.”

Vejam, a verdadeira habilidade consiste em poder ir além do bem e do mal, porque só então se pode alcançar a paz e a consolação. Como podemos fazê-lo? Confiando em Deus e submetendo-nos à Sua vontade. Como podemos saber qual é Sua vontade? Tudo o que acontece, acontece por Sua vontade. Neste caso por que não deve pensar alguém que o que está fazendo também é por Sua vontade? Verdade, não há argumento contra isto. Mas está certo que é Sua vontade que está trabalhando por meio dele? Sendo assim não se sentirá exaltado com o êxito e nem se sentirá deprimido pelo fracasso. Caso contrário, ainda que sinta só um pouquinho de exaltação ou orgulho por haver alcançado algo ou pensa que é ele o agente da ação, então esta pessoa não crê no que diz. É hipocrisia o que a faz dizer que a vontade de Deus trabalha por meio dela.

Surge outra pergunta: “Devemos submeter-nos, sem fazer esforço algum, a todo tipo de calamidades?” Ninguém aconselha isto. Enquanto uma pessoa seja consciente de que ela é o agente de suas ações deve resistir a tudo que considera como maldade. O ensinamento “não resista ao mal” é para as almas muito evoluídas. Não significa somente a resistência física senão também a mental. Na pessoa que segue este ensinamento não deve surgir nem sequer uma idéia contrária, ou um sentimento de ódio por quem lhe prejudica. Só se pode falar de cumprir com este preceito na sua totalidade quando se alcança o estado em que a mente se mantém equânime sob todas as circunstâncias. Mas para as pessoas comuns que são movidas ainda pelas menores mudanças no comportamento dos demais em relação a elas, o caminho consiste em resistir ao mal, não somente o que se origina de fora, senão também o que está dentro delas mesmos.

Pode chegar a consolação e a paz a alguém que crê que é a vontade de Deus a que atua no mundo? Vamos ser explícitos: se por consolação e paz se entende de que não vai sofrer mais, que não vai ter mais preocupações, então ninguém no mundo a terá. Mesmo para aquele que toma refúgio em Deus chega o sofrimento físico e não se suaviza o golpe que cai sobre ele; acontecerão as calamidades se tem que passar por elas, mas junto com as mesmas virá também a força para enfrentar o perigo e as tribulações. Não se desesperará quando se encontre em situações difíceis, sabendo que é a vontade de Deus que age aqui e que Ele irá fazer o que é bom para ele.

Tem um crente comum esta confiança, essa força? Isto depende da intensidade da fé de cada um. Diz-se que a fé pode mover montanhas, mas ela tem que ser inamovível como uma montanha. Há uma estória que Sri Ramakrishna costumava contar à seus discípulos que explica sobre os diferentes tipos de fé: “Em certa aldeia vivia um brahmin, a quem uma pastora que vivia no outro lado do rio, dava leite todos os dias. As vezes ela demorava em levar o leite. Um dia o brahmin se zangou e lhe perguntou porque demorava. Ela lhe explicou que tinha que esperar o bote que às vezes se encontrava do outro lado e que o barqueiro também aguardava os passageiros e tudo isto era a causa se sua demora. No mesmo instante o brahmin lhe disse: “Mulher, as pessoas cruzam este oceano do mundo repetindo o nome de Deus, e tu não podes cruzar este pequeno rio fazendo o mesmo?” A mulher, simples como era, aceitou esta reprimenda e acreditou nas palavras do brahmin. A partir do dia seguinte ela levava o leite sem demoras. Observando isto, o brahmin lhe perguntou: “Por que não demoras mais em vir aqui?” A mulher respondeu: “Repetindo o nome de Deus, como o senhor me indicou, cruzo o rio e não preciso esperar mais o barco.” Assombrado e não podendo acreditar nisto, o brahmin lhe pediu que lhe mostrasse como o fazia. Ambos desceram ao rio e a mulher com toda a facilidade caminhava sobre as águas repetindo o nome de Deus. Mas voltando-se notou que o brahmin, ainda que repetisse o nome de Deus, levantava suas roupas para que não se molhassem. Então a pastora lhe disse: “Senhor, repetes o nome de Deus e ao mesmo tempo levantas suas roupas. Tu não crês no que dizes.” Aqui estão os dois tipos de fé. E a maioria das pessoas é como este brahmin, fala da fé mas não a tem. Mas é claro,

a fé inquebrantável vem com a visão de Deus ou sendo simples como esta pastora ou como uma criança.

Como se desenvolve esta fé? Sendo simples e cândido como um menino. Quando alguém é cândido confia nas palavras das escrituras e dos grandes mestres espirituais. Em seguida põe em prática seus ensinamentos sem vacilação nem dúvida. Esta prática fortalece sua fé em Deus, pois nela encontra uma força que não é deste mundo.

Vejam agora, o que acontece com os que não são francos e simples? Se eles querem ter consolação e paz também têm que lutar duramente para vencer seus defeitos. Têm que rezar ao Senhor com todo o coração para que os coloquem no bom caminho e possam corrigir-se. Pode surgir a dúvida: E se as orações não forem respondidas? A própria dúvida demonstra que não tomamos o caminho a sério, que não temos o verdadeiro anelo. Porque esta dúvida não tem base. Por acaso não nos asseguram os grandes mestres da humanidade, que realizaram a meta da vida, que viram à Deus, que Ele é nosso guia interno e escuta nossas orações quando são sinceras? Por exemplo, o Senhor Jesus Cristo afirma: “Peçam e lhe darão; busquem e acharão; chamem e lhe abrirão. Porque qualquer um que peça, recebe e o que busca, acha e ao que chama, lhe será aberta [a porta]. Que homem entre vós, a quem se o filho pedir pão, lhe dará uma pedra? E se lhe pedisse um peixe, lhe dará uma serpente? Pois se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está nos céus, dará boas coisas aos que lhe pedem.” Portanto, se rezando uma vez não conseguimos resposta, não devemos pensar que Deus não escuta nossa oração. Swami Vivekananda disse: “Quantas tempestades e ondas é preciso enfrentar antes de chegar ao porto de Paz! Quanto maior foi o homem, mais terríveis foram as provas pelas quais teve que passar.” Assim, se queremos uma coisa valiosa, devemos estar preparados para pagar seu preço. E a paciência e a perseverança são o preço da paz eterna. Não devemos fraquejar nem afrouxar nossos esforços, mas continuar com a luta, não importa o que aconteça. Porque não há consolação em nenhum outro lugar senão em Deus. Se O deixamos, a que outro lugar podemos recorrer em busca de paz? Em que podemos confiar? Em riquezas, em filhos, em parentes ou amigos? Até quando podem eles ajudar-nos e como podem dissipar nossos sofrimentos que estão além da ajuda humana? Sabendo que não temos a ninguém senão ao Senhor neste mundo a quem podemos chamar propriamente nosso, devemos tomar refúgio n’Ele. Swami Vivekananda aconselha: “Renuncie a todo ‘eu e meu’, pois o Senhor chega àquele que não tem nada neste mundo.” Estas palavras surgiram de sua própria experiência, não é mero palavreado. É por isso que ainda encham ao leitor com estremecimento e lhe infundem confiança em si mesmo. As palavras daquelas pessoas que tocaram e apalparam o infinito levam uma força própria. Estas palavras consomem, por assim dizer, como o fogo, toda dúvida, todo temor e vacilação dos que as ouvem ou lêem.

Por que então se queixam e gemem até os crentes quando estão em circunstâncias difíceis? Porque ainda não aceitaram ao Senhor como seu no sentido mais pleno. Além disso, entregar-se à Deus não é tão fácil como parece enquanto exista tão sequer um pequeníssimo vestígio do desejo de gozar,

enquanto haja imperfeição no homem. Porque aquele que se entrega totalmente à Deus não tem nada que temer, pois Sri Krishna nos assegura: “Eu (o Senhor) Me encarrego daqueles que sempre pensam em Mim unicamente, Me servem e Me adoram, e lhes provejo do que lhes faz falta e cuido do que já têm.”

Ouvindo isto se pode atribuir parcialidade a Deus e dizer que em tal caso Ele também, como qualquer ser humano, está sujeito a todas as debilidades, como ódio, parcialidade e coisas assim. Esta acusação não tem fundamento como veremos do que disse Sri Krishna: “Eu me manifesto igualmente em todos os seres. Ninguém é odioso nem mui querido para Mim. No entanto, Eu estou naqueles devotos que Me adoram com devoção e eles estão em Mim.” O Senhor está em todos os seres como seu guia interno, como seu Ser mais recôndito. Como podemos então odiar alguém? O significado é que o devoto por sua intimidade com Deus perde a noção de diferenciação e distância que um homem comum sente entre ele mesmo e Deus. Para o devoto, o Senhor é muito seu, muito íntimo e as coisas do mundo não tem muito valor para ele. Sua vida se centra em Deus. Pelo contrário, para o homem mundano Deus é uma palavra e os objetos sensórios são como se fossem sua própria vida. Sri Ramakrishna costumava dizer: “Deus está em todas as partes, mas se manifesta de uma maneira especial no coração do devoto.” Eis aqui um canto que expressa a atitude do devoto por Deus:

**Ó Senhor, Tu és meu Tudo em tudo, a Vida de minha vida, a Essência da essência;**

**Nos três mundos não tenho a ninguém senão a Ti a quem possa chamar meu.**

**Tu és minha paz, minha alegria, minha esperança;**

**Tu, meu apoio, minha riqueza, minha glória,**

**Tu, minha sabedoria e minha força.**

**Tu és meu lar, meu lugar de descanso, meu amigo íntimo, meu parente mais querido.**

**Meu presente e meu futuro Tu és; meu céu e minha salvação;**

**Tu és minhas escrituras, meus mandamentos, Tu, meu sempre bondoso Gurú.**

**Tu és a fonte de minha bem-aventurança sem limite.**

**Tu és o caminho; Tu, a meta; Tu, ó Adorável, ó Senhor.**

**Tu és a mãe de coração terno; Tu, o pai que castiga.**

**Tu és o Criador e o Protetor. Tu, o Timoneiro que guia minha barca através do mar da vida.**

Aqui vemos como desaparece da vista do devoto a barreira do resplendor e glória que interferem na relação de um ser individual com o Ser Supremo. Para o devoto, Deus não é um estranho, por conseguinte, sente Sua

proximidade. Em troca, o homem comum, devido a sua ignorância, constrói barreira sobre barreira entre ele e Deus; barreiras do ego, riqueza, renome, fama, orgulho e assim por diante. São estas que nos impedem de ver a Deus, que mora em nosso coração.

O que acontecerá com aqueles que levam uma vida imoral e má, aqueles que cometem erros? Não há saída para eles? O Bhagavad Gita promete a salvação para eles também: “Ainda que um homem seja o pior dos malvados, se Me adora com a devoção de todo coração, deve ser considerado como uma alma nobre, pois tomou uma boa determinação.” O significado é este: O ser humano comete erros, por vários motivos, mas por esta razão não deve ser condenado por toda vida. Se ele se arrepende e toma refúgio em Deus existe a possibilidade de que suas tendências viciosas desapareçam e caiam dele, como as folhas secas de uma árvore no outono. Sri Krishna agrega: “Em pouco tempo este homem se converte em um santo e alcança a paz imortal. Ó filho de Kunti, proclama ao mundo que Meu devoto jamais perece.” Temos aqui a promessa inequívoca do Senhor.

Qual é a atitude que melhor convém ao devoto, está explicado por Sri Ramakrishna. Cita o exemplo do gatinho: “O gatinho só sabe chamar a sua mãe, dizendo ‘miau, miau’. Fica contente aonde quer que a mãe o ponha. A gata o põe às vezes na cozinha, às vezes no solo e outras vezes sobre a cama. Quando o gatinho sofre, grita, ‘miau, miau’, não sabe fazer outra coisa. Mas tão logo a mãe gata ouve este grito, aonde quer que esteja, vem até ele. Clama por Deus, — conclui Sri Ramakrishna — desta maneira, com um coração anelante, então com toda certeza poderás vê-Lo.”

Surge outra vez a velha dúvida, que já foi respondida, de outra forma: “Por que Deus não outorga a todos fé n’Ele? Por que só dá à alguns e não à outros? E por que, mesmo à estes poucos, dá a fé de diferentes graus? O Bhagavad Gita o aclara: “O Senhor não obriga ninguém à atuar, não cria para as pessoas nem os objetos nem a união com os frutos das ações. É a natureza que atua. O Senhor não recebe nem o mal nem o bem de ninguém. O conhecimento está coberto pela ignorância, por conseguinte, os seres ficam iludidos.” A natureza ou Prakriti, por seus poderes de ocultar a realidade e projetar a irrealidade, rouba do ser individual sua faculdade de discernimento e ele identificando-se com a natureza toma o irreal pelo Real, o transitório pelo Eterno e permanece apegado ao mundo. O dia em que cessar de fazê-lo se dará conta de sua verdadeira natureza e se liberará para sempre.

Vejamos agora, como podem aqueles que já estão presos no mundo, chegar à Deus, a morada da consolação? Não podem de repente romper sua relação com aqueles com quem convive, nem desfazer-se de seus deveres. A eles Sri Ramakrishna aconselha: “Cumpra com todos os deveres, mas mantenha vossa mente em Deus. Viva com todos, com esposa e filhos, pai e mãe, e sirva-os. Trate-os como se fossem seus mui queridos, mas saiba no mais íntimo de vosso coração que eles não lhe pertencem; que Deus é vosso amigo, parente e morada.”

Que possamos alcançar à Deus, a morada da consolação, nesta mesma vida, por Sua misericórdia!